

POR DENTRO DO JOGO

David Fleischer

Estratégias de transformismo - IV

Este ato final do transformismo — 1989 poderia ter sido rotulado como uma missão impossível em 1987 ou 1988, pois propunha que o mesmo grupo que vinha governando o Brasil (política e economicamente) desde 1964 — 25 anos — conseguisse outros cinco anos por eleições diretas. Como?

Obviamente, qualquer candidatura/grupo que tivesse a mais remota ligação com o governo Sarney seria destinado a uma derrota fragorosa. Precisava preparar desde já uma candidatura com uma imagem de combate aos governos militares e seu desastrado sucessor, e ao mesmo tempo empreender uma contra-ofensiva de “amarrar” irreversivelmente os partidos da “Aliança Democrática”, o PMDB e o PFL, e seus principais líderes, ao governo Sarney, tão desgastado perante o eleitorado. E ao mesmo tempo, manipular a opinião pública contra os principais concorrentes mais à esquerda — o ex-governador Leonel Brizola do PDT e o deputado Luiz Inácio Lula da Silva do PT.

Resgatando folhas da cartilha eleitoral de Jânio Quadros da última campanha presidencial direta de 1960, esta candidatura “nova” deveria “correr por fora” do esquema partidário estabelecido, e até criticar asperamente o mesmo, tentando criar um “Movimento Nacional” para sustentá-la. A pregação deveria dar ênfase ao “novo” e ao “moderno”, distanciando da política “velha”, “arcaica” e “tradicional”. Ao mesmo tempo, para denegrir a imagem da classe política velha e tradicional, deveria ser veiculada uma intensa, mas sutil campanha publicitária televisiva para mostrar todos os defeitos destes políticos ultrapassados. Esta campanha foi levada a cabo com bastante êxito a partir de 1985, e intensificada durante a Constituição. É claro que os políticos “forneciam” bastante “matéria-prima” para ser editada e manipulada para ser apresentada com destaque para o eleitorado, enquanto as grandes falcaturas do Poder Executivo passariam ilesas.

No primeiro semestre de 1987, jornalistas de Brasília comentaram a remoção da competente colega, Beatriz de Castro, pela Rede Globo, para Maceió, estranhando este fato, sendo que a regional da Globo estava em Recife, e não em Maceió. A explicação dada na época era que o marido da Beatriz havia sido removido para Maceió por outra empresa, e a Globo, sempre muito preocupada com os problemas dos seus funcionários, havia atendido o seu pedido de remoção.

De fato, a nova missão da Beatriz foi de manter o Botanic Garden abastecido com material suficiente para colocar coberturas sobre a administração e os atos políticos do jovem governador das Alagoas no Jornal Nacional duas ou três vezes por semana, para desde já nos meados de 1987 cultivar a sua imagem de um jovem, combativo e dinâmico político que, como Luke Skywalker ou Indiana Jones, lutava para vencer o “Império do Mal” que estava a fim de acabar com a sua raça, ou pelo menos deixá-lo a pão e água.

Esta foi a audácia da primeira parte da estratégia transformista na guerra da Sucessão 1989 — de remodelar um jovem produto do *ancien regime* para assumir o papel do contra. Mas, justamente um jovem político nutrido pelo mesmo

ancien regime. Neto de um senhor de engenho e filho de um tradicional prócer udenista, antigetulista, e sócio regional dos Diários Associados (depois Rede Globo) — este jovem governador estava feito sob medida. Deslocado da Velhacap para Brasília em 1963, quando o pai foi eleito senador pelo ex-PDC, o jovem Collor de Mello cresceu com uma formação política dentro da Arena nordestina. Seu pai abandona a sua cadeira de senador pelo PDS em 1981, já doente, e vem a falecer em 1983, quando o filho mais moço assume de vez o bastão político da família como deputado federal pelo PDS. Em 1985, votou no candidato do PDS no Colégio Eleitoral, mas aproveitou bem o guarda-chuva do PMDB para se eleger governador das Alagoas por via direta em 1986.

Embora, pelos conceitos dos senhores. G. Mosca e A. Gramsci, talvez esta estratégia ainda parecesse missão impossível, cabe-nos lembrar que no sistema político italiano do início deste século, o voto ainda não era universal, mas principalmente nem se sonhava com a arma mais poderosa na guerra de manipular a política e conquistar as mentes das massas via Embratel.

Nas eleições municipais de 1988, o pote do PMDB foi quebrado mesmo. Das 77 prefeituras que detinha entre as 100 maiores cidades brasileiras, o PMDB foi reduzido a 21. Esta parte da estratégia foi perfeita, mas houve um contratempo no inesperado crescimento do PT, que conquistou três capitais (São Paulo, Porto Alegre e Vitória) e outras cidades importantes no Centro-Sul. Por esta razão, o Ibope do pré-candidato Lula liderava as preferências populares em fevereiro de 1989. Mas, quando as greves deflagradas pela CUT e CGT em março foram cunhadas de selvagens pelo sistema via Embratel, a sua popularidade caiu precipitadamente. Nesta época, começou a blitz televisiva de Collor, em março e abril, com uma sequência de horários partidários (do seu PRN, e outras “legendas de aluguel”), e acesso irrestrito aos jornais das principais redes de TV, e principalmente aos programas não jornalísticos, tipo Globo Repórter, Fantástico, a Praça é Nossa etc. Nesta arrancada, as cifras de preferências de eleitores “coloredos” subiu para mais de 40 por cento (dos 40 por cento que tinha uma preferência estimulada por cartão, ou seja, mais ou menos 16 por cento do eleitorado).

Por temer que esta primeira estratégia “boi de piranha” talvez não vingasse até 15 de novembro, o Sistema começou apostar as suas fichas em outros candidatos selecionados a partir de agosto, especialmente em Guilherme Afif Domingos e Mário Covas.

Assim, se a primeira parte da estratégia falhasse, a manipulação televisiva poderia “puxar” um candidato alternativo de um embolado terceiro ou quarto lugar para o topo em questão de 15 ou 20 dias, tempo insuficiente para os outros candidatos armarem ataques contundentes contra esta “arrancada”.

Agora, na reta final dos últimos 30 dias da campanha do primeiro turno, aparentemente, estamos vendo este segundo estágio, com a queda livre de Collor de Mello, e a subida lenta de Afif Domingos, com o contratempo (novamente) de uma arrancada de Lula do PT.